

# PRÓLOGO

Enquanto escrevia notas biográficas de poetas para uma coletânea que organizava,<sup>1</sup> recebi da Academia Rio-Grandense de Letras, por meio de seu secretário-geral, Rafael Bán Jacobsen, valiosa colaboração: as fotocópias de dois ensaios sobre o poeta Francisco Ricardo, patrono da cadeira 39, escritos pelo falecido acadêmico Dario de Bittencourt e publicados em 1936 e 1953.<sup>2</sup> A leitura aguçou meu interesse pela vida de Ricardo na medida em que, focalizando sua personalidade, Bittencourt estudava-lhe as causas da existência plena de desavenças, sem elucidar, contudo, o nebuloso incidente que em 1927, em Santa Maria, resultara no seu falecimento.

Em busca de subsídios, recorri a especialistas de minhas relações residentes naquela cidade, cuja dedicação à história do município, persistência, discernimento e generosidade são méritos proclamados por todos os que têm o privilégio de conhecê-los: a professora Therezinha de Jesus Pires Santos, coordenadora da Casa de Memória Edmundo Cardoso, e o pesquisador Valter Antonio Noal Filho, autor, entre outros livros, de *Os viajantes olham Porto Alegre*, em

---

1. *60 poetas trágicos*. Porto Alegre: L&PM, 2016.

2. 1. BITTENCOURT, Dario de. O poeta Francisco Ricardo sob o ângulo da psychanalyse. Separata da *Revista da Academia Riograndense de Letras*. Porto Alegre: Typographia Gundlach, 1936; 2. BITTENCOURT, Dario de. Uma interpretação biotipológica do poeta Francisco Ricardo. *Revista da Academia Sul-Riograndense de Letras – 1951/1952*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1953. Obras que, a seguir, serão referenciadas como BITTENCOURT 1 ou 2.

dois volumes (1754-1890 e 1890-1941), de parceria com o historiador Sérgio da Costa Franco.

Por intermédio da Casa de Memória obtive excelente reprodução fotográfica de Francisco Ricardo, que ofereci à Academia Rio-Grandense de Letras e hoje encabeça a página que a casa lhe tributa, e um sem-número de subsídios iconográficos de subido valor. Através de Valter Noal, que além de franquear seus arquivos pessoais esquadrinhou os acervos do Arquivo Histórico Municipal e da Hemeroteca Digital Brasileira, pude dispor de cópias de jornais contemporâneos de Santa Maria, Porto Alegre e Rio de Janeiro, fotografias, mapas, documentos cartoriais e peças de processos judiciais, e ainda o contato com o médico Aécio César Beltrão, que com admirável desprendimento – antepassados seus participaram do incidente –, proporcionou-me fac-símiles de jornais porto-alegrenses dos anos 20, fotografias e um inestimável depoimento pessoal.

A contribuição de Valter Noal tornou-se tão intensa e progressivamente fundamental no curso do trabalho que me estranhava assiná-lo sozinho, donde lhe pedi que anuísse em ser meu parceiro e coautor, o que aceitou para minha penhorada honra. Sem sua diligente, incansável e preclara investigação este livro não existiria.

*Sergio Faraco*

Porto Alegre – Setembro de 2016

# I

## O PERSONAGEM

Francisco Ricardo nasceu em Porto Alegre, no arrabalde do Partenon, em 10 de outubro de 1893, filho de Marcos Ricardo, funcionário da portaria da Faculdade de Medicina, e de Ernestina Pereira Ricardo. Tinha vários irmãos e irmãs, sendo o mais velho. Fez os primeiros estudos com a professora Rita Pires, na Travessa da Olaria, depois Rua Primeiro de Março. Quando adolescente, foi sacristão, como evocou no poema “O vigário de minha freguesia”, em livro que não chegou a publicar:

*No meu tempo de ingênuo adolescente,  
quando eu rezava os terços de Maria,  
eu tinha como amigo confidente  
o padre do arrabalde em que eu vivia.<sup>3</sup>*

Em 1911 perdeu o pai e é desta época seu primeiro poema. Para sustentar a mãe e os irmãos, empregou-se na companhia de seguros Garantia da Amazônia. À noite, frequentava o curso de taquigrafia da Associação Cristã de Moços. Em 1914, para evitar cismas raciais ainda comuns em Porto Alegre – ele era mulato –, transferiu-se para o Rio<sup>4</sup>, onde passou a trabalhar como taquígrafo na Companhia de Seguros Sul-América. A saudade de casa o torturava, assim

---

3. No inédito *Os malmequeres que ela desfolhou*. Conf. BITTENCOURT 1, p. 66.

4. BITTENCOURT 2, p. 16.

como a preocupação com o bem-estar da família. Em carta de 22 de setembro ele enviou um soneto para a mãe:

*Desde que me apartei do lar querido,  
daquele lar singelo e sacrossanto,  
trago no peito o coração partido  
flutuando na torrente do meu pranto.*

*Neste espaço de tempo percorrido,  
conquanto neste Rio de excelso encanto,  
só, desterrado, como um ser banido,  
tenho sofrido e delirado tanto!*

*Tudo me falta! Até notícias! Ai!  
Não sei de mim, porque não sei dos meus!  
Minh'alma os busca, busca o extinto pai!*

*Como me dói a dúvida desta hora:  
se, feliz, minha mãe medita em Deus  
ou se de Deus misericórdia implora!*<sup>5</sup>

Nos anos 1914-1916 fez os estudos preparatórios e, no ano seguinte, começou a cursar a Faculdade Livre de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Continuava escrevendo, sobretudo sonetos, e mantinha intensa vida literária, convivendo com autores como Hermes Fontes, Alcides Maya e Álvaro Moreyra, e publicando versos em revistas da moda. Em 1917, foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Novos<sup>6</sup>, que congregava jovens autores enquanto não

---

5. BITTENCOURT 1, p. 7.

6. *A Noite*. Rio de Janeiro, 31 jul. 1917. Conf. BITTENCOURT 1, p. 8.

completavam 30 anos. As noites eram reservadas à leitura na Biblioteca Nacional.

De algum modo a questão da cor ainda o embarçava, pois em 1918, ao tirar a carteira de identidade, declarou-se de cútis branca<sup>7</sup>. Nesse ano, esteve acamado durante 20 dias com a gripe espanhola, e em artigo publicado em Porto Alegre evocou os horrores da epidemia no Rio de Janeiro, com multidões afluindo às farmácias, aos consultórios, às delegacias, as ambulâncias trafegando velozmente em todas as direções e os caminhões abarrotados de cadáveres.<sup>8</sup>

Em 1919 publicou o poemário *Solidão sonora*, que lhe valeu elogios, entre outros, do crítico Silva Dias na revista porto-alegrense *Kodak*, em 12 de outubro de 1918 – antes mesmo do aparecimento do livro –, do poeta Castro Lima na revista paulista *A Cigarra*, em 1º de novembro de 1919, e do poeta Leal Guimarães no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, em 14 de novembro do mesmo ano, além de favoráveis comentários de um poeta consagrado como Hermes Fontes<sup>9</sup>.

Em 1920 foi aceito no quadro social do Salic Futebol Clube<sup>10</sup>, ou seja, ao término dos estudos universitários e com sua poesia já reconhecida, ainda era taquígrafo. O clube, dedicado ao lazer esportivo, fora fundado um ano antes pela Sul-América para recreio de seus funcionários<sup>11</sup>.

---

7. Expedida em 20 de agosto de 1918 pelo Gabinete de Identificação e Estatística do Distrito Federal. Protocolo nº 47.764 – Registro Civil nº 97.613. Acervo da Casa de Memória Edmundo Cardoso.

8. *O Exemplo*. Porto Alegre, 8 dez. 1918.

9. BITTENCOURT 1, p. 19.

10. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 9 abr. 1920.

11. BERNHOEFT, Renato & MARTINEZ, Chris. *Empresas brasileiras centenárias*. Rio de Janeiro: Agir, 2011. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?isbn=8522014620>

A diplomação dele, em 15 de março de 1921, foi saudada em *O Paiz*, uma confirmação de seu prestígio na capital da república após a publicação do livro: “Com distintas notas acaba de terminar seu curso jurídico na Universidade do Rio de Janeiro o acadêmico e apreciado poeta Francisco Ricardo”.<sup>12</sup> Tal renome também se expressa em fotos e tributos em revistas como a carioca *Fon-Fon*, fundada pelo escritor e crítico Gonzaga Duque. Na edição de 20 de novembro de 1920, ele se deixa fotografar ao lado de um juiz e é referido como “poeta finíssimo”. Na edição de 18 de abril de 1925, há um soneto em sua homenagem, que o autor assina com o pseudônimo de Gaio Labeão. Começa assim:

*Esse, de olhar de reticência, esguio,  
de alexandrinas pernas, quase feio,  
é o rio-grandense que mais ama o Rio,  
é o jovem poeta que eu mais louvo e leio...*

As “pernas alexandrinas” eram uma alusão ao 1,85m de Ricardo, numa época em que a estatura média do brasileiro, nos termos de uma pesquisa dos médicos Leonídio Ribeiro, W. Berardinelli e Isaac Brown, era de 1,68m<sup>13</sup>.

Após a formatura, visitou a família em Porto Alegre, no Areal da Baronesa, zona do baixo meretrício nos anos 20. Ali subsistia sua mãe de trabalhos servis. Abatido, retornou ao Rio, e com o auxílio de ex-colegas cujos pais eram políticos e a proteção do presidente de Minas Gerais, Fernando de Melo Viana, tornou-se promotor público em cidades mineiras, primeiramente em Estrela do Sul, depois

---

12. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 18 mar. 1921.

13. BITTENCOURT 2, p. 96.

em Piranga e Prata. Em 14 de janeiro de 1923, o jornal *Estrela do Sul* noticiava sua chegada:

(...) impondo-se à admiração e estima gerais, o dr. Ricardo, pelo fulgor do espírito, vasta cultura, nobreza de caráter e bondade de um grande coração, é uma das individualidades mais conhecidas e admiradas no Rio, notadamente nas rodas literárias, onde conquistou o maior renome. A arte o tem, na poesia e na prosa, no jornal e no livro, como coluna de sugestiva imponência.<sup>14</sup>

Outro jornal do Triângulo Mineiro, *Colligação*, em edição de 28 de setembro de 1924, lamentava sua veloz passagem pela cidade:

Como um aerólito, cortando o espaço e deixando um rastro luminoso, passou por esta cidade o gigantesco e genial poeta dr. Francisco Ricardo, promotor da comarca do Prata. Poucos instantes de palestra com o fecundo vate foram bastantes para tornar-nos intimamente ligados. Era a atração irresistível e fascinante que o gênio exerce. Pena que o dr. Francisco Ricardo tenha se demorado tão pouco, deixando tão viva saudade!<sup>15</sup>

Não eram palavras vãs. O poeta era um homem de conversação cativante, atualizado, culto, que compunha versos em francês, como nos sonetos “Azuirá”, publicado

---

14. BITTENCOURT 2, p. 13.

15. *Id. ibid.*, p. 13.

no jornal *O Exemplo*, de Porto Alegre, em 8 de setembro de 1916 (Anno I n° 39) e “Le roman de deux soeurs”, publicado em 3 de maio de 1925 num pequeno jornal mineiro, *O Commercio*.<sup>16</sup> Sua cotação era tão alta que recebia flores das leitoras cidadinas.

Ainda em 1925 resignou a promotoria em Minas Gerais para exercer idêntico cargo em Lagoa Vermelha, assumido em 14 de janeiro de 1926.<sup>17</sup> Morava no Hotel Familiar, pertencente a uma viúva cujo marido, Ulysses T. de Andrade, morrera em 1924 em Clevelândia, no Paraná, em combate contra a Coluna Prestes. Em 29 de março do mesmo ano, nas dependências do hotel, foi baleado pelo advogado João de Paula e Silva, autor do livro *Lagoa Vermelha de ontem e de hoje*. “Questões forenses”<sup>18</sup> foi o eufemismo escolhido pela imprensa para encobrir um escândalo conjugal.<sup>19</sup>

Removido para Cachoeira do Sul, dali saiu por igual motivo, já com nomeação para Santa Maria, onde ocupou a promotoria por brevíssimo período: de 12 de junho a 17 de julho de 1926.<sup>20</sup> Nos meses seguintes, até sua morte, foi juiz distrital,<sup>21</sup> cargo que, com autorização do presidente Borges de Medeiros em 23 de julho, permutara com o amigo José Luiz Natalício.<sup>22</sup> Aparentemente, não se sentia à vontade

---

16. Conf. BITTENCOURT 1, p. 24.

17. *A Federação*. Porto Alegre, 16 jan. 1926.

18. *O Imparcial*. Rio de Janeiro, 2 abr. 1926; tb. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 2 abr. 1926.

19. BITTENCOURT 1, p. 109-110.

20. CARDOSO, Edmundo. *História da Comarca de Santa Maria 1878-1978*. Santa Maria: Imprensa Universitária/UFSM, 1978. p. 88.

21. *Correio da Serra*. Santa Maria, 26 abr. 1927.

22. CARDOSO, op. cit., p. 234 e tb. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 27 abr. 1927.



como promotor. Um ano antes, escrevera sintomáticos versos que não incluiu em nenhum dos dois volumes inéditos que deixou preparados, *Os malmequeres que ela desfolhou*<sup>23</sup> e *O que as horas deixaram quando foram*:

*Que és hoje na lei?*  
– *Eu sou,*  
*desgraçadamente apenas,*  
*aquele que pede penas*  
*para o próximo que errou!*

---

23. Este com o pseudônimo de Telêmaco Junqueira.